

Recebido em: 13/09/2021

Aceito em: 01/12/2021

Mulheres negras vítimas de violência: a visibilidade dada sobre a temática na Biblioteconomia e Ciência da Informação

Kariane Regina Laurindo¹
Daniella Pizarro²

Resumo: O objetivo deste estudo é discutir sobre a informação como subsídio ao combate à violência, a qual assola majoritariamente as mulheres negras na sociedade brasileira. Para tal, identificou-se em trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, a partir de 2010, os que abordam a temática ou que auxiliam na reflexão sobre informação e combate às violências. Caracteriza-se a pesquisa como descritiva, exploratória, bibliográfica e de abordagem quali-quantitativa. Os dados coletados referem-se a um universo de pesquisa de 3.469 trabalhos no evento. Destaca-se, que deste montante foram recuperados apenas nove trabalhos que abordam a temática. Diante disto, os trabalhos recuperados na pesquisa são importantes para o mundo teórico e prático da atuação bibliotecária e dos diversos profissionais da informação, em prol da mediação da informação visando a prevenção e o combate à violência contra as mulheres negras brasileiras. Voltar atenção para esta temática, faz-se importante e trata-se da missão e atuação ético-política dos profissionais da informação visto que se sabe dos preconceitos, dos privilégios de branquitude, do racismo e machismo estrutural e estruturante que predominam na sociedade.

Palavras-chave: Violência contra a mulher negra. Mulher negra. Violência contra mulheres. Informação. Biblioteconomia. Ciência da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as relações étnico-raciais nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) compreendem temáticas de tamanha importância de âmbito social, político, cultural e científico. No traçar dos anos, as pesquisas relacionadas à referida temática promove debates significativos para as áreas, possibilitando assim, a inclusão de abordagens que favorecem o combate à desigualdade, exclusão e violência na sociedade.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em gestão da informação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo/UDESC). Graduada em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: karianeregina@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4788-3317>

² Professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia e Informação (DBI /FAED) da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC. Professora no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo/FAED/UDESC). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: daniellapizarro@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3544-8529>



As contribuições de pesquisas realizadas por gerações de bibliotecárias, bibliotecários - entre outros profissionais da informação, como o arquivista e o cientista da informação - abordam com maior afinco as questões étnico-raciais e dentre elas, destacam-se com mais frequência as pesquisadoras e pesquisadores: Mirian Albuquerque de Aquino, Maria Aparecida Moura, Andreia Sousa da Silva, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima, Sandra Regina Fontes, Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Ana Claudia Borges Campos, Ana Paula Meneses Alves, Edvaldo Carvalho Alves, Rubens Alves da Silva, dentre outras pessoas que publicam nestas áreas. Entretanto, o entendimento sobre a branquitude, a falácia da democracia racial ³ e as facetas que envolvem as estruturas raciais ainda estão longe de ser um problema de outrora, nesse sentido, é urgente a continuidade do debate nas referidas áreas.

As questões étnico-raciais realmente estão em um trilhar que, a cada dia, vão se constituindo como propostas e formando uma base sólida para abordagens relevantes no que tange ao combate de diversos problemas sociais. Assim, visto como um problema social, a violência contra as mulheres vem assolando a sociedade brasileira com números cada vez mais elevados. Atualmente, em estado pandêmico da COVID-19, os números de violência contra mulheres e o feminicídio aumentaram, segundo retrata a pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizada em parceria com o Instituto Datafolha (2021).

Em vista disto, o combate à violência contra mulheres também é uma abordagem que necessita ser trabalhada para as pesquisas relacionadas às questões étnico-raciais. Justifica-se tal afirmação, já que segundo a pesquisa mencionada acima, os números são maiores quando as vítimas são mulheres negras (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DATAFOLHA, 2021).

Nesse sentido, observa-se que a categoria profissional bibliotecária e as diversas profissões que atuam com a informação devem observar a importância da disseminação e mediação de informações fidedignas e confiáveis que visem a prevenção e o combate à

³ Entende-se por Branquitude e a falácia da democracia racial. A Branquitude acontece quando, pessoas lidas como brancas, tornam a sua identidade racial como norma padrão, posicionando outros grupos étnicos como inferiores ou a margem da sociedade. (SILVA; PIZARRO; SALDANHA, 2017).

Quanto a falácia da democracia racial, optou-se pelo uso do termo “falácia” e não o “mito”, em respeito a culturas africanas e indígenas que relacionam o mito em uma concepção diferente da ocidental, para algumas sociedades africanas e indígenas, o mito não se refere a algo que está apenas no imaginário ou nas lendas, mas se constitui na concretude da vida. Assim, a falácia da democracia racial, refere-se à afirmação de que todos somos iguais em direitos e deveres dentro da nossa sociedade (LAURINDO, 2021).

violência contra a mulher negra. Por isso, tal temática carece estar inserida cada vez mais no contexto de ensino, pesquisa e extensão das áreas de Biblioteconomia e de CI.

Refletir sobre a mediação da informação e a construção de um regime informacional capaz de discutir o combate às diversas violências é essencial, na medida que se trata de visibilizar e abordar mais pesquisas no campo da CI e da Biblioteconomia em prol das mulheres negras. Destaca-se que estas mulheres são vítimas das mazelas do racismo, da misoginia e do machismo estrutural, os quais têm ceifado muitas vidas.

Dessa forma, promover o pensamento crítico voltado a defesa das mulheres negras vítimas de violência é uma discussão importante, visto que os profissionais da informação podem ser interlocutores na prestação de serviços informacionais para esse grupo de mulheres negras.

Nessa esfera, pesquisas como as das(os) autoras(es) anteriormente mencionadas(os) trazem subsídios para as práticas profissionais em determinadas situações, as quais são exigidas, além da ética profissional, uma atuação política nos contextos sociais em que estão inseridos. Como exemplo disso, a mediação da informação levada para pessoas vítimas de violências, principalmente as que estão em situação de vulnerabilidade sócio-econômica pode ser de utilidade pública e social, promovendo então, uma melhoria na qualidade de vida e visibilizando o ativismo em prol da equidade e justiça social.

Partindo do princípio da importância da informação na transformação do tecido social, questionamos: como ela, a informação, pode subsidiar o combate à violência contra a mulher negra? Nessa direção, o objetivo desta comunicação é discutir sobre a informação como subsídio à prevenção e ao combate à violência que assola as mulheres negras brasileiras. Para viabilizar tal reflexão, identificou-se em trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), nas edições de 2010 a 2019, os que abordam a referida temática e/ou que auxiliam na discussão sobre informação e o combate a violências.

A presente proposta se justifica nos âmbitos social, ético e científico. Quanto ao âmbito social, soma-se evidências estatísticas em que a violência é maior entre mulheres negras (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018), o que nos permite verificar a situação de vulnerabilidade em que muitas mulheres brasileiras se encontram. Ressaltamos que a vulnerabilidade pode estar além da vulnerabilidade de segurança física, podendo ser econômica, social e emocional.

No âmbito da atuação ético-política bibliotecária este artigo retrata a importância do desenvolvimento de pesquisas e do olhar profissional para a temática em questão. Faz-se importante para que a atuação profissional exceda a questão técnica e se volte para o sentido ético-político do agir profissional e de sua responsabilidade no repasse e mediação de informações fidedignas, as quais colaborem para a promoção de conscientização de uma sociedade antirracista e antimachista.

Portanto, essa reflexão pretende ampliar o entendimento da atuação bibliotecária em relação à violência sofrida pelas mulheres negras. Para tal, apresenta-se adiante, nas próximas seções, uma breve revisão conceitual relativa às questões étnico-raciais e a violência contra as mulheres negras. Ademais, apresenta-se a metodologia para a coleta dos dados, bem como as discussões e considerações finais.

2 QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO PRÁTICA ÉTICO-POLÍTICA PROFISSIONAL

No campo da Biblioteconomia e Ciência da informação, as pesquisas sobre as questões étnico-raciais cada vez se tornam mais frequentes e alcançam espaços na academia, inclusive, com debates que oferecem visibilidade para a temáticas de estudos de âmbito étnico-racial.

Nesse sentido, levando em conta que a matéria prima para estas áreas é a informação, esta, ganha um conceito quando relacionado às questões étnico-raciais. Segundo Oliveira e Aquino (2012, p. 487):

[...] conceituamos informação étnico-racial como sendo todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana.

Desta maneira, compreender a importância das pesquisas, realizadas sobre violência contra mulheres negras, que as áreas produzem associadas ao contexto das relações étnico-raciais está inserido na compreensão do conceito de informação étnico-racial, formulada por Oliveira e Aquino (2012).

Nesses debates, os autores apontam problemáticas que necessitam de alinhamento para que a temática esteja compreendida dentro do contexto do ensino.

Nessa perspectiva, Silva, Saldanha e Pizarro (2018) relatam a problemática do racismo na formação dos profissionais em Biblioteconomia. De acordo com os autores, o pouco ou nulo emprego de discussões sobre temáticas da Cultura Africana e Afro-brasileira corroboram com um processo de branquitude e racismo dentro das áreas:

Esse descaso reforça a invisibilidade destas populações (que são a minoria em acesso aos direitos, mas que compõem a maioria quantitativa do montante populacional brasileiro) pelo coletivo docente bibliotecário brasileiro. (SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2018 p. 3828).

Nesse sentido, conforme versam referidos autores faz-se necessária/urgente a introdução nos currículos dos cursos de Biblioteconomia e CI as questões relacionadas à raça e ao racismo. Tal ação é emergente dentro das áreas, pois ainda estão presas às raízes racistas advindas do processo colonizador, configurando injustiças e permeando não só nas academias, como na sociedade, as tradições da meritocracia, da branquitude e da falácia da democracia racial.

Portanto, torna-se uma responsabilidade política e histórica o emprego de questões étnico-raciais e os estudos sobre raça e racismo nos cursos de Biblioteconomia e CI, para que se possa descaracterizar o estigma de elitização empregado pelas bibliotecas por séculos, concedendo a todos o direito a seus serviços e acesso de forma igualitária. Esses aspectos tangem ao direito de justiça como bem cita Silvio Luiz de Almeida (2019, *online*),

A vida, a liberdade, a igualdade e a propriedade são valores que devem ser cultivados por toda a humanidade e, mesmo que não estejam positivados – expressamente amparados por uma norma jurídica emanada por autoridade instituída –, devem ser protegidos.

Desta maneira, as pesquisas nas áreas da Biblioteconomia e CI são importantes no combate ao preconceito e, para desempenhá-lo, precisam entender a perspectiva daqueles que estão em formação visando a formação como futuras(os) bibliotecárias(os) e profissionais da informação.

Nessa direção, no que se refere ao profissional da informação, a simples atitude de pesquisar sobre grupos em alguma situação de vulnerabilidade implica no desenvolver de um atitude ético-política. Nesse sentido, Aranalde (2005, p. 346) infere que “[...] uma vida ética

significa dar forma à existência através de um conjunto de ações virtuosas capazes de propiciar o bem viver.”

Contudo, cabe ressaltar que, a responsabilidade profissional vai na direção de lidar com as questões históricas e sociais e, de repensar, ressignificar e atualizar suas técnicas de uso cotidiano já que as mesmas podem repercutir termos e conceitos preconceituosos, os quais atualmente são bastante debatidos.

Dessa forma, Guimarães e Pinho (2007) discorrem sobre os desafios éticos na representação do conhecimento pois a mesma estava moldada em um período em que se tinha um ponto de vista culturalmente determinado, expondo grupos sociais em determinações pejorativas ou como citado pelos autores “os guetos” da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Como exemplo, autores abordam o uso de “Lesbianismo use Desvios sexuais” (GUIMARÃES; PINHO, 2007, documento não paginado) na CDD, e observam como um exemplo relacionado aos guetos da CDD, as religiões de matriz africana sendo desconstruídas quando são associadas em folclore.

Visto o uso de ferramentas que reafirmam conceitos racistas, podemos inferir que os conflitos da responsabilidade profissional são muitos para a pessoa bibliotecária. Ainda mais, quando se questiona a participação atuante na construção de uma sociedade justa e consciente de seus direitos e deveres. Contudo, com o suporte dos códigos de conduta moral ou código de ética, os profissionais possuem base para alicerçar a moral e a ética ao realizar suas ações.

Aranalde (2005), menciona a transição de uma cultura escrita para uma cultura digital onde o bibliotecário como profissional da informação em uma sociedade centralizada na informação e em suas tecnologias, pode atuar na construção de uma sociedade justa com consciência ética e política.

Uma postura ética se faz necessária quando interagimos com outros seres humanos na complexa teia de relações sociais na qual estamos inseridos. Isso significa que, estando em relações com outros seres humanos, as crenças e os valores fundamentais de uma ética direcionam-se na busca de uma vida mais digna. (ARANALDE, 2005, p. 253)

Da mesma maneira, os autores Guimarães e Pinho (2007, *online*) afirmam que,

[...] ao profissional da informação cabe o encargo de assegurar a diversidade de acesso às informações culturais e pessoais, [...] de forma que estes se ajustem aos princípios éticos.

É comum na sociedade que seus indivíduos se deparem com dilemas e conflitos internos, sociais e profissionais. Assim sendo, a pessoa bibliotecária também está incluída nesta constatação. Quanto a isto, Cardoso (2015, p. 28) demonstra sua preocupação quando cita que,

O profissional da informação/bibliotecário, como sujeito do processo da organização, preservação, disseminação da informação e da valorização da informação deve estar atento e informado a respeito das ideologias e estereótipos vinculados nesses livros desenvolvendo um trabalho questionador e crítico com seus usuários - o que muitas vezes temos que buscar fora da nossa formação - enriquecendo seu aprendizado e resgatando de forma construtiva a contribuição do negro na sociedade brasileira.

Nesse sentido, o desenvolvimento de uma consciência crítica do profissional da informação é importante, não só para o proceder técnico, mas também como um posicionamento, político, ético e social. Dessa forma, suas ações podem ir em prol de uma sociedade antirracista, pois cabe a estes profissionais a mediação da informação diariamente, informação que mediada de forma ética pode prevenir injustiças sociais, como as sofridas por mulheres negras vítimas de violência.

3 VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NEGRAS

Em 2006, entrou em vigor a Lei 11.340, também conhecida como Lei Maria da Penha, visando a proteção para todas as mulheres, contra qualquer tipo de violência, seja física, psicológica, patrimonial ou moral (BRASIL, 2006). Com a apropriação de informações, como por exemplo sobre a lei Maria da Penha, a cada dia mais mulheres denunciam as agressões por elas sofridas. Essas denúncias demonstram os índices alarmantes de violência contra as mulheres no Brasil que, estão cada vez maiores. De acordo com a pesquisa do Datafolha realizada em fevereiro de 2019, e com Franco (2019),

Os novos dados corroboram o que outras pesquisas já mostravam. Grande parte das mulheres que sofreram violência dizem que o agressor era alguém conhecido (76,4%). Mulheres pretas e pardas são mais vitimadas do que as brancas; as jovens, mais do que as mais velhas.

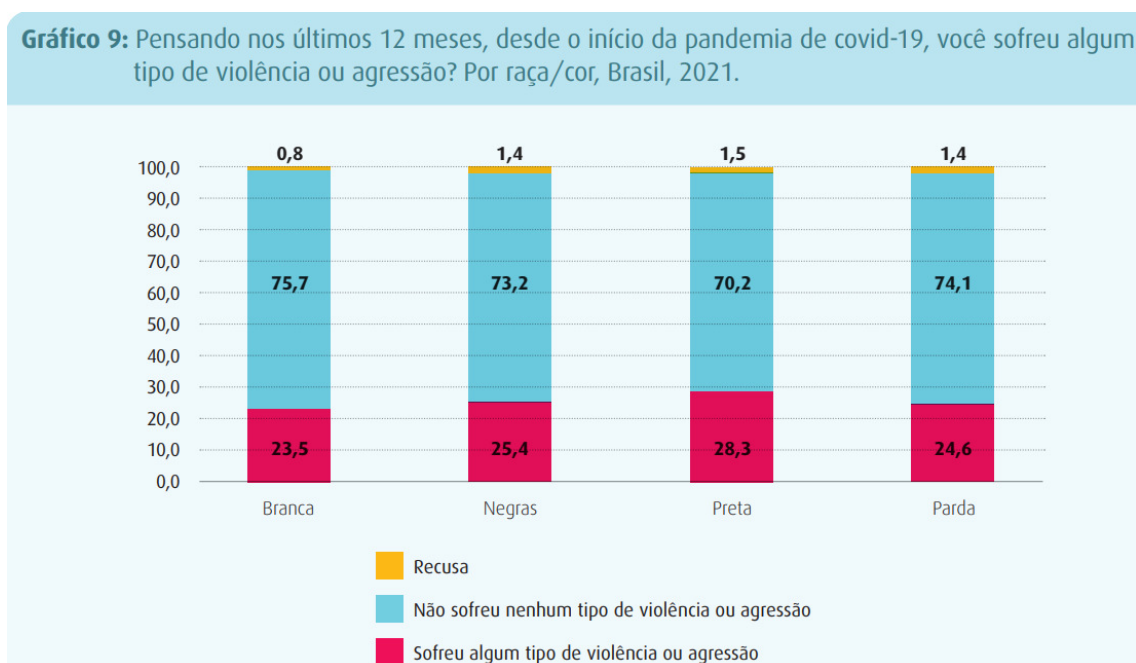
Infelizmente, estes são índices em que o crescimento não é resultado de boas notícias que, segundo o Fórum brasileiro de segurança pública (2018), ressalta o crescimento do

número de mulheres vítimas de feminicídio. Lamentavelmente, as mulheres negras estão no topo desses índices: “Vitimização também é maior entre mulheres pretas (28,4%) e pardas (27,5%) do que entre as brancas (24,7%)” (FRANCO, 2019).

Com o isolamento advindo da pandemia da COVID-19, os casos de violência contra mulheres aumentaram consideravelmente segundo pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O relatório intitulado “Visível invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” publicado em julho de 2021 constatou que a pandemia agravou a violência sofrida por mulheres, principalmente, a violência doméstica. E nessa direção, destaca-se novamente: o número é maior quando se trata de mulheres negras pretas ou pardas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DATAFOLHA, 2021).

Observemos o gráfico quanto à raça e cor na imagem a seguir,

Figura 1: Relação da violência quanto a raça e cor



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Datafolha, 2021.

Nesse caso, pode-se inferir que nas demandas de violência contra mulheres, a branquitude e a falácia da democracia racial estão retratados, nesta constituição em que mulheres negras sofrem mais violência que as mulheres brancas. A objetificação e hipersexualização culturalmente da mulher negra, torna-a um objeto idealizado para o sexo ou para o trabalho. Esta ideia é advinda do período de escravatura em que as mulheres negras

eram divididas entre as que serviram aos seus donos com serviços sexuais e as que realizaram os trabalhos no campo, de acordo com Dias (2017).

Nessa estrutura, diferentes do homem negro, a mulher negra, além de lidar com o racismo, também tem que lidar com o machismo estrutural e a misógina que as tornam vítimas de violências. Assim, Arraes (2014, online) cita que,

Nas raras ocasiões em que a sociedade expressa algum desejo por mulheres negras, é quase sempre pela ideia de que a mulher negra é um “sabor diferente” e “mais apimentado” de mulher. O corpo feminino negro é hipersexualizado, considerado exótico e pecaminoso. Quem nunca ouviu falar que a mulher negra tem a “cor do pecado”? Essa é a brecha que sobrou para que o racismo continue a ser imposto às mulheres negras: a dicotomia do gostoso, exótico e diferente, mas que ao mesmo tempo é proibido, impensável, pecaminoso e não serve para o matrimônio ou monogamia.

Tendo em vista as graves situações abordadas nesta seção, constata-se que as mulheres negras estão inseridas em ciclo de violência centralizado em uma cultura machista misógina e racista, que por sua vez, afeta-a mais em comparação às mulheres brancas. Assim, reafirma-se as consequências desfavoráveis de ser uma mulher negra no Brasil.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa proposta neste estudo se caracteriza como descritiva e exploratória. Descritiva, pois “expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados.” (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 127). Também, caracteriza-se por ser exploratória já que “visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127).

Ademais, tal pesquisa é de abordagem quali-quantitativa dessa forma, a partir de pesquisa bibliográfica propõe-se realizar um levantamento nos anais do ENANCIB a partir de 2010, com o objetivo de elaborar a contextualização da temática bem como seu embasamento teórico.

O motivo de escolha pelo levantamento bibliográfico baseado nas edições do ENANCIB, deve-se ao fato deste ser o principal evento de pesquisa em Ciência da

Informação no Brasil, promovido anualmente pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), em diferentes universidades do Brasil. O evento consiste em um foro privilegiado para apresentação e para discussão da pesquisa científica em Ciência da Informação, congregando estudantes, pesquisadores e programas de pós-graduação nacionais. Com disposição de 11 Grupos de Trabalhos (GTs), os GTs conseguem abranger diversas temáticas na área da CI.

Ressalta-se que no último ENANCIB de 2021, foi aprovada a inclusão de um 12. GT, o qual tratará das questões sobre "Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades". Fato este, apesar de tardio, pode ser considerado um avanço para a área da Biblioteconomia e Ciência da informação. E ainda, registra-se aqui, nossos cumprimentos ao comitê organizador do XXI ENANCIB, realizado recentemente em outubro de 2021, cuja conferência de abertura "Epistemologia da ignorância e a produtividade do discurso colonial em sistemas de organização do conhecimento" foi realizada pela primeira pessoa e mulher negra a Profa. Dra. Maria Aparecida Moura (UFMG).

Portanto, para desenvolver o objetivo deste trabalho, foram analisadas as bibliografias em todos os GTs do ENANCIB até o ano de 20194, com um recorte cronológico de dez (10) anos e utilizando de palavras-chave pré-definidas: "violência contra a mulher negra", "violência mulher negra", "mulher negra"⁵, "violência contra mulheres" e "Violência doméstica".

5 RESULTADOS OBTIDOS

Nos últimos anos, o ENANCIB foi responsável por ampliar o número de publicações nas áreas da CI. Neste período, o evento foi responsável por 3.469 submissões de trabalhos completos e apresentação de pôsteres. Isto apenas de trabalhos dos cursos de mestrado e doutorado, na área da Ciência da Informação, no território brasileiro.

⁴ No ano de 2020, devido a pandemia da COVID-19 o evento cancelado. Destaca-se que não foram inclusos na pesquisa os trabalhos do ENANCIB realizado recentemente este ano (2021) pois seus Anais não ainda foram publicados.

⁵ A escolha do termo "Mulher Negra" deu-se pela necessidade de identificar se os trabalhos que abordam o termo também abordavam a violência sofrida por mulheres negras.

Os GTs com 11 grupos abarcam os diferentes ramos da CI que vai desde o GT-1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação ao GT-11 - Informação & Saúde. Com sua primeira edição em 1994, o ENANCIB vem concretizando um status de confiabilidade e renome na área da CI, tanto nacionalmente quanto internacionalmente.

Desta maneira, partiu-se do pressuposto para este trabalho, que um evento de renome e amplitude como o ENANCIB, abrangesse a temática proposta no presente trabalho. Portanto, ao analisar as últimas dez edições do evento, nos seus anais foram identificados apenas nove trabalhos que representam a proposta sugerida para a identificação da temática por meio de produções científicas sobre os grupos de mulheres negras vítimas de violência, conforme representado na tabela 1.

Tabela 1- Trabalhos encontrados nos últimos cinco anos de ENANCIB

Palavras chave	ENANCIB									
	XI 2010	XII 2011	XIII 2012	XIV 2013	XV 2014	XVI 2015	XVII 2016	XVIII 2017	XIX 2018	XX 2019
Violência contra a mulher negra	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Violência mulher negra	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mulher negra	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
Violência contra mulheres	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3
Violência doméstica	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total	9									

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Reforça-se que, em dez edições, foram nove trabalhos submetidos que são encontrados com as palavras-chave sugeridas mediante a análise realizada nos sites responsáveis pelas edições do respectivo evento. Também, informa-se que não foram encontrados nenhum nos anos de 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2017 e 2018. Apenas, nos anos de 2015 e 2016 três trabalhos foram encontrados. Já na edição de 2019, é que se encontram mais trabalhos, com um total de 6. Levando em conta que desde 2010 o ENANCIB obteve um total de 3.469 trabalhos publicados nos 11 GTs, a recuperação de somente nove trabalhos relacionados à temática proposta é ínfima.

A palavra-chave que mais recuperou trabalhos foi: “Violência contra mulheres” com 4 publicações. Contudo, destaca-se que não foi encontrado nenhum trabalho com o uso da palavra-chave “Violência contra a mulher negra”, o que caracteriza um déficit em temáticas e trabalhos relacionados ao assunto. Já para “Violência doméstica” foram identificados 2 trabalhos e com a palavra-chave “Mulher negra” 3 trabalhos foram encontrados; e todos os três abordam a violência sofrida por mulheres negras.

No quadro 1, por ordem cronológica, identificam-se os trabalhos encontrados, bem como seus autores e respectivos GTs de participação.

Quadro 1- Trabalhos encontrados nos GTs do ENANCIB

Qt.	Palavras chave	Título	Autores	Edição	GTs
1	Violência contra mulheres	Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando a informação estatística no centro estadual de referência da mulher Fátima Lopes	Gisele Rocha Cortes; Edvaldo Carvalho Alves; Leyde Klebia Rodrigues da Silva	XVI -2015	3- Circulação e Apropriação da Informação
2	Violência doméstica	Memórias de mulheres e o acesso à informação no enfrentamento à violência doméstica	Kaliandra de Oliveira Andrade; Izabel França de Lima	XVI -2015	10- Informação e Memória
3	Mulher negra	Apropriação, disseminação e democratização da informação étnicoracial na organização de mulheres negras da Paraíba Bamidelê	Leyde Klebia Rodrigues da Silva; Mirian de Albuquerque Aquino; Edvaldo Carvalho Alves; Gisele Rocha Côrtes.	XVII -2016	3- Circulação e Apropriação da Informação

4	Mulher negra	A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD	Franciéle Carneiro Garcês da Silva; Ana Paula Meneses Alves; Graziela dos Santos Lima; Dirnéle Carneiro Garcez; Andreia Sousa da Silva; Priscila Rufino Fevrier	XX -2019	11- Informação & Saúde
5	Mulher negra	O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social	Vanessa Jamile Santana Reis; José Carlos Sales dos Santos	XX -2019	2 - Organização e Representação do Conhecimento
6	Violência contra mulheres	Protagonismo das mulheres usuárias da casa abrigo: Asas da Informação	Aurekelly Rodrigues da Silva; Gisele Rocha Côrtes	XX -2019	3 - Circulação e Apropriação da Informação
7	Violência contra mulheres	A memória e a importância das políticas públicas de gênero no enfrentamento da violência contra as mulheres	Claudialyne Silva Araújo; Gisele Rocha Cortes	XX -2019	10- Informação e Memória
8	Violência contra mulheres	Violência obstétrica e os dados sobre mortalidade materna no Brasil: percepções sobre direitos das mulheres à saúde e ao acesso à informação	Carla Maria Martellote Viola; Silvana Maria de Jesus Vetter	XX -2019	11- Informação & Saúde
9	Violência doméstica	Redes de informação e violência doméstica e familiar contra as mulheres: conexões e laços conceituais	Kaliandra de Oliveira Andrade; Alzira Karla Araújo da Silva; Joana Coeli Ribeiro Garcia; Gisele Rocha Côrtes	XX -2019	4- Gestão da Informação e do Conhecimento

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No quadro 1, pode-se realizar algumas inferências a respeito dos trabalhos encontrados no evento. A primeira delas é sobre o GT com mais trabalhos encontrados, o qual foi o GT-3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. Tal grupo em sua ementa trata de:

Estudo dos processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da Ciência da Informação, compreendido em dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem com contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição. (XX ENANCIB, 2019).

As influências existentes no GT-3 que colaboram para que a maioria dos trabalhos sejam submetidos nele, como observado na ementa do grupo, pode estar relacionado ao GT-3 compreender as relações entre mediação, circulação e apropriação da informação, compreendendo os diferentes contextos ao qual a informação está vinculada. Desta maneira, as contribuições dos trabalhos recuperados no GT-3 evidenciam as lacunas referentes à mulher negra no campo da CI. Assim, possibilitou debates sobre violências contra as mulheres e propor a proposição de estratégias para o enfrentamento dessas violências.

Os estudos do GT-3, especialmente, quando se refere a mediação da informação são ações que a pessoa bibliotecária pode refletir para realizar sua atuação ética-política com os grupos de mulheres negras vítimas de violência. Nesse sentido, é essencial proporcionar a estas mulheres o acesso à informação fidedigna na qual se satisfaça as necessidades informacionais que atuam como prevenção e combate às violências.

Em seguida, aparecem os GTs 10 e 11 com dois trabalhos recuperados cada, seguidos dos GTs 2 e 4 ambos com 1 trabalho recuperado cada. Na análise dos autores observa-se que como autoria principal aparecem mulheres e três homens como coautor. Esta análise, é muito pequena devido ao baixo número de trabalhos recuperados, entretanto, é passível de observação que futuras pesquisas são necessárias para identificar se apenas mulheres escrevem sobre a violência contra mulheres.

Nesse sentido, das (os) 21 autoras(es) foram encontradas(os) e conforme análise nos seus currículos Lattes, 13 têm a graduação em Biblioteconomia, e 11 são de mulheres de origem africana. Este dado também pode se tornar um possível questionamento para futuras pesquisas, com o intuito de descobrir se a maioria são as bibliotecárias, fenoticamente de origem africana que escrevem sobre ‘Mulheres negras’ e ‘Violência contra mulheres’.

Em suma, os dados acima levantados são oriundos de uma pesquisa em que levantou 3.469 trabalhos em dez edições do evento de grande importância para a área da CI. Contudo, não foi encontrado um montante expressivo de pesquisas nos ENANCIBs analisados, sobre a

temática da violência contra mulheres negras. Dessa maneira, entende-se que essa temática não tem sido estudada com afinco e merecido a devida atenção.

Em vista disso, ressaltamos que, as(os) profissionais da informação são agentes importantes para contribuir com o grupo de mulheres negras que são vítimas de violência. Como já mencionado, com uma atuação ético-política através da mediação de informação competente que subsidie às mulheres negras a promoção da emancipação desse status de vulnerabilidade física, social, econômica e emocional.

6 INFORMAÇÃO NO COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA

O presente trabalho chama a atenção para os números das pesquisas sobre violência contra mulheres. Tais estatísticas revelam um triste pesar sofrido por mulheres de todas as raças, religiões, idades e classes sociais; bem como revelam o tratamento abusivo que as mulheres sofrem pelo fato de serem mulheres. Neste cenário, as mulheres negras, as maiores vítimas da violência, estão em desvantagem social devido ao racismo, à misoginia e ao machismo estrutural.

Assim, a informação é uma ferramenta de extrema utilidade na tentativa de quebrar ciclos de violência por quais essas mulheres sofrem. Desta maneira, os trabalhos encontrados no ENANCIB atuam como uma ferramenta científica e social no combate à violência contra mulheres negras. Isto é observado, quando o centro estadual de referência da mulher Fátima Lopes atua na mediação e disseminação da informação sobre a violência contra mulheres, conforme foi exposto no trabalho de Cortes, Alves e Silva (2015).

Da mesma maneira, é observada a força das mulheres que já vivenciaram situações de violência. Por meio de um protagonismo social, estas mulheres formam redes e atuam com outras mulheres que passam por situação similar e/ou estão em casa de acolhimento como na casa abrigo.

A informação, como conhecimento em estado de compartilhamento, contribui para desenvolver o protagonismo das mulheres que tiveram acesso à Casa Abrigo. A troca de experiências e a relação dialógica possibilitam que tanto as usuárias quanto os(as) profissionais se situem como protagonistas no enfrentamento da violência doméstica. (SILVA; CÔRTEZ, 2019, *online*).

Assim, também é identificado o protagonismo quando as mulheres negras se organizam em prol da disseminação e democratização da informação como no caso Bamidelê na Paraíba:

[...] as ações da Bamidelê são voltadas para as especificidades e particularidades da mulher negra, mesmo quando são convidadas a se pronunciarem sobre questões mais gerais como racismo, saúde, cotas, trabalho e outros, o que vem contribuindo, especialmente, para valorização, fortalecimento e construção de uma identidade negra feminina positiva. (SILVA; AQUINO; ALVES; CÔRTEZ, 2016, *online*).

Na mesma direção, o feminismo negro que implica em uma organização voltada ao combate da violência e às desigualdades sofridas por mulheres negras através da representação do conhecimento sobre a representatividade social (REIS; SANTOS, 2019).

E nesse traçar, do compartilhamento e da disseminação de informações, percebemos que a saúde da mulher negra também ocupa um lugar quando é explicitada a violência hospitalar. Quando estas mulheres têm conhecimento dos seus direitos por meio da mediação da informação, muitas conseguem lutar por seus direitos como citado no trabalho de Viola e Vetter (2019) e no trabalho de Silva, Alves, Lima, Garcez, Silva e Fevrier (2019).

Diante disto, faz-se importante políticas públicas que assegurem às mulheres, principalmente as negras, o direito à vida, à saúde integral e digna. Além das políticas públicas, como visto, tais pesquisas não só refletem mulheres em situação de vulnerabilidades. Mas também, reforçam que as mulheres negras são o espelho da sociedade que adentra no ambiente acadêmico, o qual por muito tempo, e ainda hoje, mantém-se majoritariamente composto por uma estrutura que perpetua o machismo e o racismo institucional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve reflexão, foi discutida sobre a informação no combate à violência sofrida por mulheres negras, e ainda, foi observada a importância da atuação bibliotecária e dos diversos profissionais que lidam com a informação estarem incorporando em suas pesquisas e práticas a proteção das mulheres. Tal agir profissional e acadêmico, suscita a importância das políticas públicas e sociais voltadas ao combate da violência contra mulheres, principalmente

das mulheres negras, por meio de leis, ações de acolhimento e proteção com vistas à emancipação desses grupos.

Nos nove trabalhos recuperados, a violência contra mulheres foi abordada, em sua maioria, por autoras(es) que são bibliotecárias(os) e realizaram a escrita com profissionais de outras áreas; o que indica a relação de interdisciplinaridade vista tanto na Biblioteconomia e CI.

Foi observado também, nas cinco últimas edições um maior número de pesquisas relacionadas à temática, o que é uma “luz no túnel” para novas pesquisas. No entanto, não foi recuperado nenhum trabalho com o uso da palavra-chave “Violência contra a mulher negra”. Assim, caracteriza-se um déficit de atenção e visibilidade nas temáticas em questão; o que mostra o contraponto aos dados estatísticos que revelam os altos índices de violência contra as mulheres e de feminicídio.

Diante disto, os trabalhos recuperados na pesquisa são importantes para o mundo teórico e prático da Biblioteconomia e de profissionais da informação que devem atuar em prol de uma sociedade mais equânime. É no ato de direcionar o olhar cuidadoso para o agir informacional que atua no combate a exclusões e violências como tema para pesquisas, que podemos identificar um agir ético-político profissional. Desse modo, este artigo se voltou para questões étnico-raciais relacionadas ao combate contra os privilégios da branquitude, contra o racismo e o machismo que existe na sociedade.

Em vista disso, os trabalhos recuperados neste estudo respondem ao problema identificado no início da escrita: como a informação pode subsidiar no combate à violência contra a mulher negra? E também, alcançando o objetivo proposto inicialmente de discutir sobre a informação como subsídio ao combate à violência que assola as mulheres negras com base no que foi identificado em trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) a partir de 2010.

Em síntese, os trabalhos recuperados contribuem de forma a disponibilizar informações relevantes com um embasamento teórico capaz de atuar no subsídio ao combate à violência contra mulheres negras. Sugere-se que os profissionais da informação no geral apropriem-se cada vez mais desses trabalhos e desta temática para realizarem suas práticas voltadas para a comunidade no combate à violência que assola as mulheres negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-9.

ARANALDE, Michel M. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em Questão**, v.11, n. 2, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/124/82> . Acesso em: 21 set. 2019.

ARRAES, Jarid. **A objetificação e hipersexualização da mulher negra**. 2014. Revista Forum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>. Acesso em: 6 nov. 2019.

BRASIL. Constituição (2006). **Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 0 nov. 2019.

CARDOSO, Francilene. **O negro na biblioteca: mediação da informação para construção da identidade negra**. Editora CRV, Curitiba, 2015. p 114.

CORTES, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando a informação estatística no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes. In: **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 2015.

CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. A sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 4, p. 448-457, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0080-62342004000400011&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 4 out. 2019.

DIAS, Isabel. **Ângela Davis. Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia, n. 12, p. 447-452, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2018**. Relatório de pesquisa. CERQUEIRA, Daniel (cor.). IPEA. 2018. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf. Acesso em: 04 set. 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DATAFOLHA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 3ª edição, 2021. Forum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com Data Folha. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em 31 ago. 2021.

FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'. **Bbc News Brasil**. São Paulo, fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>. Acesso em: 06 nov. 2019.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fábio Assis. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. **Informação & Informação**. Londrina, v. 12, n. 1 jan./jun. 2007.



LAURINDO, Kariane Regina. **Informação e memória que resistem:** quilombo Vidal Martins em Florianópolis. 2021. 214 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

LOPEZ, APA. Diretrizes para o desenvolvimento de projetos de cunho científico. Brasília: **CEGSIC**, 2010. Disponível em: http://apalopez.info/diretrizes_projetos.pdf . Acesso em: 01mar. 2019.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na ciência da informação. **Liinc em revista**, v. 8, n. 2, 2012. DOI: 10.18617/liinc.v8i2.453 Acesso em: 04 nov. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de César. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. 2 ed.

REIS, Vanessa Jamile Santana; SANTOS, José Carlos Sales dos. O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123312>. Acesso em: 04 set. 2021.

SILVA, Aurekelly Rodrigues da; CÔRTEZ, Gisele Rocha. PROTAGONISMO DAS MULHERES USUÁRIAS DA CASA ABRIGO: ASAS DA INFORMAÇÃO. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação**, XX ENANCIB. 2019.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês. PIZARRO, Daniella Camara; SALDANHA, Gustavo. As temáticas africana e afro-brasileira em biblioteconomia e ciência da informação. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104859>. Acesso em: 06 nov. 2019.

SILVA, Franciele Carneiro Garces; SALDANHA, Gustavo; PIZARRO, Daniella Camara. A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e ciência da informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102318>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque; ALVES, Edvaldo Carvalho; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba-Bamidelê. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação**, XVII ENANCIB. 2016.

XX ENANCIB. **Grupos de Trabalho (GTs):** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2019. Santa Catarina. Disponível em: <http://www.enancib2019.ufsc.br/gts/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Black women victims of violence: the visibility given to the theme in Librarianship and Information Science

Abstract: The objective of this study is to discuss the information as a subsidy to combat violence, which devastates mostly black women in Brazilian society. To this end, it was identified in papers presented at the National Meeting of Research in Information Science, from 2010, those that address the theme or that help in the reflection on information and combating violence. The research is characterized as descriptive, exploratory, bibliographic and quali-quantitative approach. The data collected refer to a research universe of 3,469 papers in the event. It is noteworthy that, from this amount, only nine papers addressing the theme were retrieved. In view of this, the papers retrieved in the research are important for the theoretical and practical world of librarianship and the various information professionals, in favor of mediation of information aimed at preventing and combating violence against black Brazilian women. Turning attention to this theme is important and is about the mission and ethical-political performance of information professionals since it is known of the prejudices, the privileges of whiteness, racism and machismo structural and structuring that prevail in society.

Keywords: Violence against black women. Black woman. Violence against women. Information. Librarianship. Information Science.